

Intelectuais e vida literária nacional nas páginas de *Sátiras e outras subversões* de Lima Barreto (1881-1922).*

Intellectuals and national literary life in the pages of *Sátiras e outras subversões* of Lima Barreto (1881-1922).

Reginaldo de Oliveira Martins¹
Joachin Melo Azevedo Neto²

RESUMO: O presente artigo pretende discutir a temática da imprensa e atividade intelectual na Primeira República a partir da visão do escritor Lima Barreto que, em seus escritos, documentou diversos aspectos da modernidade do Rio de Janeiro. Os artigos e crônicas encontrados em *Sátiras e outras subversões* são textos barretianos inéditos encontrados e catalogados pelo pesquisador Felipe Botelho Corrêa. Essas fontes nos possibilitaram refletir sobre os intelectuais e suas atividades na capital federal durante a Primeira República. No trabalho, pretendemos elaborar também uma revisão da literatura em torno dos principais estudos que cotejam o diálogo entre ficção e história na obra de Lima Barreto, bem como uma análise comparada entre textos de Lima Barreto que representam a atividade jornalística e os intelectuais. Visto que a história intelectual é uma das vertentes mais desafiadoras e rica em possibilidades empíricas ligadas a grande área denominada de História Cultural, esperamos, por meio deste trabalho, fornecer uma sólida contribuição para os estudos sobre a atuação jornalística de Lima Barreto na Primeira República.

*Este artigo é resultado de Projeto de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, cota 2017-2018.

¹ Graduado do Curso de Licenciatura Plena em História na Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. Foi bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq cota 2017-2018 com o projeto intitulado Intelectuais e Vida Literária Nacional nas Páginas de Sátiras e outras Subversões de Lima Barreto. Foi Estagiário Remunerado do NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO (NRE 25), antiga Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC 28), com experiência na área Burocrática e Administrativa dos projetos estruturantes; sendo também Aplicador do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2015/2016. É Professor de História com experiências: Ensino Fundamental II do INSTITUTO DE EDUCAÇÃO COMENIUS em Senhor do Bonfim-BA, Ensino Médio do Colégio Luis Eduardo Magalhães na cidade de Senhor do Bonfim - Ba. Email: reginaldohistoria10@gmail.com

² Possui doutorado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (2015), financiado pela CAPES. Realizou Mestrado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG (2010) e Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba/UEPB (2008). Atualmente, é Professor Adjunto de Historiografia e História Contemporânea na Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina; Líder do Grupo de Pesquisa História e Memória, Coordenador do Grupo de Estudos de História e Arte - GEHARTE e presidente do Núcleo Docente Estruturante - NDE de História na mesma instituição. Tem publicações com ênfase na área de História e interesse nos seguintes temas: História e Literatura, Biografia Intelectual e Teorias da História. É membro da Associação Nacional de História - ANPUH, da Red de Estudios Biográficos de América Latina - REBAL e do Grupo de Pesquisa História e Arte, Teorias da História (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC). A tese de sua autoria, Vida literária e desencantos: uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922), foi premiada no II Prêmio Sandra Jatayh Pesavento de Teses em História Cultural (2016). Email: joachin.azevedo@upe.br

Explorar aspectos da vida literária entre os intelectuais do Rio de Janeiro, tendo como principal fonte a antologia *Sátiras e outras subversões*, enquanto fonte primária, é uma iniciativa historiográfica inédita.

Palavras-chaves: Primeira República, História Intelectual, Lima Barreto.

ABSTRACT: This article intends to discuss the theme of the press and intellectual activity in the First Republic from the perspective of writer Lima Barreto, who in his writings documented several aspects of the modernity of Rio de Janeiro. The articles and chronicles found in *Sátiras e outras subversões* are unpublished texts found and cataloged by researcher Felipe Botelho Corrêa. These sources enabled us to reflect on intellectuals and their activities in the Brazilian federal capital during the First Republic. In the paper, we also intend to elaborate a literature review on the main studies that compare the dialogue between fiction and history in Lima Barreto's work, as well as a comparative analysis between texts of this writer that represent the journalistic activity and the intellectuals. Since Intellectual History is one of the most challenging aspects and rich in empirical possibilities linked to the great area called Cultural History, we hope, through this work, to provide a solid contribution to the studies on Lima Barreto's journalistic performance in the First Republic. Exploring aspects of literary life among the intellectuals of Rio de Janeiro, having as main source the anthology *Sátiras e outras subversões*, as primary source, is an unpublished historiographical initiative.

Key-words: First Republic, Intellectual History, Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em maio de 1881 e faleceu, precocemente, aos 40 anos, em 1922. Filho de um tipógrafo e uma educadora, ambos negros, teve no lar uma base letrada que, durante sua infância e adolescência, foi direcionada para a finalidade tão sonhada por seu pai: ver o filho tornar-se doutor. Lima, entretanto, trilhou um caminho distinto da formação acadêmica. Não bastava ser engenheiro, advogado ou médico. Sua grande vocação, levada até os extremos, foi a literatura (Cf. BARBOSA, 1956).

Literatura esta que foi estudada por especialistas sob uma perspectiva dialética que compara representação literária e vida do escritor. Sendo assim, grande parte da bibliografia especializada sobre o literato estabelece comparação e diálogos constantes entre dois universos narrativos diferentes, porém indissociáveis da história do Brasil republicano e suas contradições: as cartas e o diário enquanto confissões biográficas do autor Lima Barreto e a produção literária enquanto manifesto político e romanesco que abarca a interpretação da sociedade e cultura modernas do personagem Lima Barreto.

Neste diapasão – entre os estudos pioneiros e mais consistentes sobre o carioca Afonso – temos a obra *Lima Barreto: o crítico e a crise* de Antonio Arnoni Prado. O autor sugere o seguinte acerca da singular convergência entre estilo e denúncia social presente nos textos barretianos:

Em Lima Barreto a opção pela literatura é uma opção moral consciente e irreversível. O ímpeto que move a criação literária dá a obra um destino irrevogável; a relação que se estabelece no nível da criação é uma adesão de fundo ético: contra o esteticismo inútil e inconsequente, define-se entre o autor e a obra um liame de total identificação; a preocupação é muito mais fazer da literatura um meio de atuação social e política do que meramente situá-la como oposição aos modelos cerebrais e artificiais consagrados (...). (PRADO, 1976, p. 34)

A revolta que Lima expressou na ocasião, para combater a retórica pomposa dos parnasianos ou as políticas públicas de eugenia e higienização social, que vigoraram na Primeira República, não foi aquela própria dos participantes da polêmica Revolta da Vacina ou a dos filiados às lutas sindicais dos operários. Enquanto escritor, as armas que dispunha para se engajar contra injustiças sociais foram a caneta e o papel. A ironia e o sarcasmo do literato contra as corruptas instituições e fachadas sociais da República são ainda muito atuais.

Recentemente, Felipe Botelho Corrêa, professor do King's College London, publicou uma antologia intitulada *Sátiras e outra subversões* com 164 textos inéditos de Lima Barreto. As crônicas foram publicadas, originalmente, na revista de variedades *Fon-Fon*, do início até o final de sua carreira literária. Essas reportagens permaneceram desconhecidas, por tanto tempo, devido ao uso, por parte do escritor carioca, de pseudônimos.

A prática de ocultar a autoria era comum entre os literatos da Primeira República, porque mostrou-se um valioso recurso para que os autores pudessem lançar polêmicas contra seus pares ou a política oficial diminuindo as chances de represálias. Nesses termos, são necessárias pesquisas mais sistemáticas em torno do valor documental desses escritos enquanto fontes capazes de serem interrogadas como testemunhos sobre a vida intelectual e a imprensa na Primeira República.

Grande parte de nosso aporte teórico está situado no campo da História Intelectual, de matriz francesa. Jean-François Sirinelli sugere que o conceito de intelectual transita entre as amplas variantes que envolvem o trabalho dos criadores e

mediadores culturais e uma bastante específica ligada a noção de engajamento político. Sendo assim, “o estudo dos intelectuais como atores do político é portanto complexo” (SIRINELLI, 2003, p. 244). Complexidade que pretendemos enfrentar com o intuito de fornecer uma relevante contribuição para as pesquisas sobre imprensa e atividade intelectual, na Primeira República, tendo como principal referencial, mas não único, os textos inéditos de Lima Barreto publicados em *Sátiras e outras subversões*.

Felipe Botelho teve uma atenção minuciosa ao investigar os pseudônimos de Lima Barreto. Agora, sabemos que Lima produziu crônicas literárias – no início e final da carreira – que permaneceram esquecidas devido ao uso de pseudônimos. Felipe Botelho, organizou a antologia *Sátiras e Subversões*. Com textos barretianos assinados por pseudônimos nas ilustradas revistas *Fon-Fon* e *Careta* como: Jonathan, Eran, Barão de Sumaret, Lucas Barredo, Horácio Acácio, Inácio, Amil, Pingente, Xim, J. Caminha, dentre outros. (BOTELHO. In: BARRETO, 2016, p. 16-17).

Entre os 164 textos, têm alguns com características plausíveis de identificação, como, por exemplo, o Isaías Caminha, que está assinado em muitos dos textos como J. Caminha. Este foi o personagem principal da obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. No entanto, também existem outros textos achados por Felipe Botelho com maior grau de complexidade de identificação. É certo que não se pretende, neste trabalho, esgotar todas as vias possíveis de interpretação dos textos barretianos achados por Felipe Botelho, pois só abordaremos alguns escritos assinados por pseudônimos.

A sátira barretiana se caracterizou essencialmente pela ironia e sarcasmo. Foi o estilo literário usado pelo escritor carioca para provocar e promover críticas diante das constantes injustiças sociais, principalmente ligadas ao exercício do poder entre os homens: “A troça é a maior arma de que nós podemos dispor e sempre que a pudermos empregar é bom e é útil. Nada de violências, nem barbaridades. Troça e simplesmente troça, para que tudo caia pelo ridículo. O ridículo mata e mata sem sangue”. E acrescentou: “É o que aconselho...” (BARRETO, 2016, p 13-14).

A sátira enquanto estilo literário militante e denunciativo ganhou espaço na dinâmica do jornal e estava presente também em folhetins, revistas e periódicos. As tensões sociais vivenciadas na capital carioca forneciam bons motes para toda uma gama de jornalistas. Assim, Lima se aproveitou muito bem das polêmicas, se dedicou na

arte satírica de anunciar, revelar, escandalizar e debochar dos problemas políticos e socioculturais que o Rio de Janeiro (Capital Federal) enfrentava.

Todas as prédicas de Lima os levaram a atuar na imprensa, um dos grandes fenômenos culturais da época. O trabalho jornalístico ficava principalmente a cargo de escritores. Em virtude disso, Lima se utilizou dos pseudônimos e disparou severas sátiras a forma que o país da bagunça – velha expressão barretiana ao mencionar o Brasil – estava sendo conduzido.

Antes de uma abordagem de pseudônimos, é preciso detalhar melhor o perfil da revista *Careta*, com a qual Lima colaborou em 1915 e entre 1919 até 1922. A *Careta* teve uma circulação com tiragens expressivas, veiculação de charges, caricaturas e buscou atender o público da classe média baixa. Fato que, com certeza, interessou a Lima na medida que que a imprensa poderia lhe render a oportunidade de exteriorizar suas críticas, denunciar as corrupções e confessar os seus desencantos para um número amplo de pessoas.

Conforme toda uma nova seara de estudos contemporâneos indica, ainda existem muitas possibilidades de análise e compreensão das relações entre ficção e história encontradas na produção barretiana. Na Inglaterra, pesquisadores como o professor Robert Oakley, por meio do estudo *Lima Barreto e o destino da literatura*, tem se disposto a divulgar a produção intelectual de Lima Barreto no Velho Mundo salientando que a mesma é tão importante ou rica de significados quanto a obra de Machado de Assis (1839-1908). Até o início do séc. XX, o negro era considerado um ser exótico e sem inteligência por discursos científicos e ficcionais deterministas. O romancista buscou diminuir as concepções deterministas e fazer prevalecer aspectos psicológicos na sua obra: *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Essa digressão é necessária porque o conjunto formado por romances, crônicas e artigos de opinião que formam a obra de Lima é, geralmente, estudado por especialistas sob uma perspectiva dialética que compara representação literária e vida do escritor.

O Romancista, em sua obra, criou o pseudônimo Isaías Caminha como autor ficcional e se colocou no papel de editor do seu pseudo-autor: “Eu, porém, como tinha plena autorização do autor, por ocasião de mandar o manuscrito para o prelo, suprimir o prefácio” (BARRETO, REIC, 2010, p. 62). Lima fez literatura retratando a sua vida e os problemas da capital carioca. A personagem Isaías Caminha é evocada posteriormente

em textos achados com o pseudônimo J. Caminha ou I. Caminha pelo pesquisador Felipe Botelho. São provas de que a vida do autor se confundiu muito com a obra. J. Caminha ou I. Caminha dão continuidade ao legado do desabafo culto e melancólico de Isaías Caminha, criação artística de Lima³. Na revista *Careta*, em 15 de maio de 1915, temos o seguinte trecho que aponta para a direção dessa convergência:

Há homens muito tolos, como Taine, Burckhardt, Buckle [...] que, para fazer grandes e imortais obras, começaram por visitar arquivos e bibliotecas, colhendo e examinando milhares de documentos; [...]. O meu trabalho, que é obra de fôlego, como já disse em outro jornal, pode não ficar pronto. Tal não importa absolutamente. O meu escopo é outro; e ele ficará atingido se este merecer de vós a publicação que solicito. (BARRETO {J. Caminha}, 2016, p. 285).

J. Caminha evidenciou sua não aceitação do determinismo racial, tinha também o objetivo de atingir o público leitor com seu trabalho e postulou que sua obra era de fôlego – colocação muito semelhante com a das *Recordações* que foi descrita como “um grande sopro humano” possivelmente inacabado. Na polêmica obra de Lima, o escritor carioca se frustrou diante da cegueira dos críticos que só enxergaram, na sátira, os principais jornalistas da época: pessoas importantes da sociedade que se transformaram em personagens ridicularizados na obra. Segundo Robert Oakley: “Coelho Neto, Afrânio Peixoto, João do Rio, todos eles duramente retratados” (OAKLEY, 2011, p. 37). Diante dessas constatações, entende-se que Lima insistiu sempre em escritas contestadoras.

Os teóricos Taine, Burckhardt e Buckle que J. Caminha criticou influenciaram intelectuais brasileiros como os da geração de 1870. Lima não concordou com certas colocações teóricas deterministas. Desses nomes, apenas Taine lhe influenciou parcialmente. Lima também dedicou-se a leitura de escritores como Johannes Gottlieb Fichte, Thomas Carlyle, Jean-Marie Guyau, Liev Tolstói, Dostoiévski, dentre outros. O romancista assimilou muito bem as percepções de mundo de cada um deles para o seu trabalho de escritor. Assim, partindo também da experiência singular e esforço humano,

³ Lima, em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, estrategicamente convertida em romance; enfatiza que o sonho do pseudônimo mulato Isaías em ser doutor, não foi realizado, não pela falta de capacidade cognitiva, e sim, por conviver numa sociedade sem valores humanos e morais. Criada parcialmente em 1907, na revista *Floreal*, foi publicada em Lisboa em 1909 sem os devidos direitos autorais; vindo a ser publicada pela segunda vez no ano de 1917 por desagrado do então escritor carioca.

desenvolveu um estilo movido pelo desejo de transmitir mensagens para a sociedade pautadas na visão crítica dos fatos.

Dessa forma, através de suas leituras e publicações, sempre comprometidas com a denúncia social, foi um literato de obra singular e seguramente modernista: encarava os problemas do país com empatia pelos vencidos antes mesmo das tensões vivenciadas entre socialistas e integralistas durante a Semana da Arte Moderna (1922). Por suas convicções literárias serem vanguardistas, ter natureza e personalidade forte, era impossível o cronista do cenário político brasileiro não proferir críticas a elite republicana.

Muitos outros textos barretianos foram registrados com pseudônimos. No dia 16 de outubro de 1920, Lima se utilizou do nome Jonathan para assinar o texto “um alvitre” e disparou: “Liberdade de reunião não há também; as autoridades fecham sociedades quando lhes apraz fazê-lo. Liberdade de pensamento é uma ficção, pois só é tolerado dizer o que o governo julga que pode ser dito. Liberdade de profissão nunca houve. Para exercer a mais elementar, é preciso cartas, canudos, anéis e incompetência” (BARRETO {Jonathan}, 2016, p. 166).

Lima proferiu críticas contra políticos, intelectuais e atacou alguns grupos de parnasianos que defenderam uma ideia fútil da literatura. Para esses literatos, a realidade não era considerada uma boa influência para a literatura. Ou seja, era a arte pela arte. A literatura tinha de bastar a si mesma e não ser contaminada pela realidade social.

Uma crônica literária assinada com o pseudônimo Inácio Costa, em 30 de outubro de 1915, diz o seguinte:

São inúmeras as cartas que recebemos, abordando este ou aquele assunto, pedindo que publiquemos versos horrorosos, sem falar naquelas que se fazem acompanhar de crônicas desenxabidas ou insultuosas. Naturalmente, deixamos de publicá-las por todos os motivos e o principal encontramos-lo no desejo que temos de não enfadar os leitores. (BARRETO {Inácio Costa}, 2016, p. 125).

Continuou o escritor carioca: “Vejam só, os senhores, se nós fôssemos publicar essa produção do poeta Horácio ou outro qualquer de sua academia, como iríamos desgostar os nossos leitores!”. (BARRETO {Inácio Costa}, 2016, p. 125). Inácio Costa citou ironicamente o poeta Horácio enquanto símbolo de uma arte obcecada pela

brevidade da vida e a tranquilidade, em tom de provocação para parnasianos e simbolistas como Augusto dos Anjos, por exemplo. Lima era defensor de uma literatura engajada e comprometida com a realidade social de minorias.

Para Lima, a obra literária deveria servir a um fim específico que era denunciar os males da sociedade, revelando aos homens a realidade que está por trás dos discursos e dos comportamentos da elite no país. E é por isso que Lima passa a se desgostar dos salões públicos que reuniam intelectuais. Segundo Lima: “não há um que conscientemente procure escrever como o seu meio o pede e o requer... É uma literatura de *concetti*, uma literatura de clube, imbecil de palavrinhas, de coisinhas... não há neles um grande sopro humano, uma grandeza de análise, um vendaval de epopeia (...)”. E finaliza: “A pouco a pouco vou deixando de os frequentar, abomino-lhes a ignorância deles”. (BARRETO apud PRADO, 1976, p. 27).

Lima é enfático a postular sobre a arte, deixando muitas vezes, em evidência, a sua tristeza e o seu inconformismo pela forma fútil por meio da qual os intelectuais compreendiam o conceito e a função da literatura. Essa concepção belletrista, além de atender os parâmetros pedantes do belo de determinada elite, era despreendida de engajamento social. A literatura era tida apenas como divertimento e prazer de alguns: não servia para apresentar uma realidade crítica, mas para o glamour, para enaltecer os doutores, diferenciando-lhes de todos que não eram capazes de entender certa linguagem obscura.

As ideias científicas e raciológicas na moda, entre os principais intelectuais mais prestigiados daquele período, não convenceram Lima. Sua literatura é crítica, em busca de constante conexão com a realidade social e abarca representações dos homens letrados, bem como dos marginalizados. Ao colaborar na revista *Fon-fon*, publicar na *Careta* e posteriormente criar a *Floreal*, sempre tratou de exteriorizar suas ideias e insatisfações nos jornais nos quais trabalhou.

Em muitos dos textos de *Sátiras e outras subversões*, encontra-se a principal marca artística desse escritor carioca que é o autobiografismo diluído em um mosaico de confissões, ironias e desabaços políticos. A descrição do cotidiano nos morros e subúrbios cariocas, a leitura ferina das elites republicanas e de seus projetos de controle social se entrelaçam com narrativas sobre a própria vida de Lima. Na explicação de Robert Oakley, o autor de *Isaiás Caminha* foi um marginal, tanto intelectual quanto

socialmente, que se posicionou contra os poderes institucionais da Primeira República por meio de um estilo polemista.

Carlos Fantinati, em *O profeta e o escritor*, sintetizou bem as intenções estéticas do conjunto de obras barretianas: “Para ele, é mister do artista assumir, no plano da vida, a responsabilidade que manifesta em sua obra. [...], o artista deve ocupar-se dos problemas do tempo presente, das cogitações políticas, religiosas, sociais e morais, das questões de época, e em face delas manifestar suas opiniões e tomar partido” (FANTINATI, 1978, p. 39).

Textos assinados pelo pseudônimo Jonathan, por exemplo, portam essa tendência em tratar de problemas cotidianos e questões políticas. Na crônica “Velha queixa”, publicada originalmente em 13 de novembro 1920, Lima demonstrou toda a sua indignação contra o prefeito Carlos Sampaio pelo destrato com as demais localidades fora do centro urbano do Rio de Janeiro:

O sr. dr. Carlos Sampaio é um prefeito extraordinário que anda por toda parte deste Rio de Janeiro e quer arrasar todos os morros desta cidade; mas esquece de muitas coisas que merecem a atenção de tão conspícua pessoa. É preciso que sua excelência saiba que o Rio de Janeiro não é Botafogo e Tijuca. Há mais alguma coisa. (BARRETO {Jonathan}, 2016, p. 370).

Pensamentos, críticas e vocabulário que aparecem desde o momento inicial do contato de Lima com o jornalismo. Em texto assinado com o pseudônimo Eran, na revista *fon-fon*, de 01 de junho de 1907, o escritor já abordava de maneira mordaz o tema das reformas urbanas. Ridicularizando as iniciativas políticas “civilizatórias”, bem antes da publicação “Velha queixa”, Lima chama a atenção dos políticos para a realidade social que existia fora das áreas nobres da então capital federal:

O subúrbio é a terra do sonho, sonho de outras vidas, sonhos de outras idades. O subúrbio é espiritista [...]. Se requinta, é de modo diferente de Botafogo. Este tem a visão do boulevard, enquanto aquele tem a dos mistérios da morte [...]. A elegância em Todos os Santos, a suprema elegância, seria andar de mortalha, chocalhando ossos [...]. No largo da Carioca, a gente vê um canto de Paris atual, na estação Central. (BARRETO {Eran}, 2016, p. 341 - 342).

Nota-se que Lima frisa o abandono que os habitantes dos subúrbios sofreram, por parte das autoridades republicanas, durante as constantes mudanças urbanas causadas

pelas reformas que caracterizam a chamada bela época carioca. As classes pobres foram classificadas como perigosas, desempregadas e acusadas de promover a promiscuidade em habitações coletivas sem nenhuma higiene. As ações sanitaristas das autoridades públicas não vieram para favorecer os pobres e miseráveis. A forma de poder usado para conduzir a tão almejada europeização do Rio de Janeiro foi pautada em estratégias de controle e repressão social.

Em *Cidade Febril*, o historiador Sidney Chalhoub explica que as autoridades republicanas desrespeitavam princípios básicos de cidadania ao colocarem em prática o projeto de bota-abixo de cortiços e barracos próximos ou localizados no centro do Rio de Janeiro:

Não havia para onde remover os moradores, e não era correto sujeitar grande número de famílias ao vexame e às inconveniências de serem transferidos seus lares para a praça pública [...], os funcionários da Higiene estavam agindo de forma intempestiva, exigindo a interdição em casos onde os melhoramentos eram possíveis, e desrespeitando assim o direito de propriedade [...], o regulamento sanitário em vigor condenava o proprietário sem lhe dar o direito de defesa”. (CHALHOUB, 2017, p. 57).

As autoridades deixaram os desabrigados à própria sorte. Parte dos intelectuais estiveram maravilhados com esse projeto modernizador da capital carioca. Poucos se importaram com a arraia miúda da população que perdeu suas moradias para as equipes de demolição da prefeitura. Exemplo do jornalista Luis Edmundo, entusiasmado e eufórico, enxergou com muita satisfação a derrubada das habitações durante o chamado bota-abaixo.

Tanto em Eran, quanto em Jonathan, é perceptível a atuação de um Lima cronista e observador das transformações ocorridas na capital carioca: a criação da Avenida Central, a promulgação da Lei da Vacina Obrigatória, a devastação do morro do Castelo (repleto de casarões coloniais e cortiços), a primeira linha de bonde eletrificada, um novo hotel e boulevard, dentre outras.

O caráter excludente de tais reformas que ocorreram foi também bastante destacado pelo historiador Nicolau Sevcenko:

Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional, a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade

dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 2003, p. 43).

As mudanças inspiradas no modelo urbano do francês Eugène Haussmann conduziram para o estabelecimento de novos hábitos na sociedade carioca, absorvendo-os de uma cultura que não era genuinamente brasileira. Nesta concepção de incorporação cultural, Lima percebeu que as elites cariocas constituíam um tipo de nobreza sem costumes, tradições ou qualquer firmamento de lei que legitimasse seu poder: “O seu título rezava que era de Sumaraí, mais tarde, achando-o muito plebeu mudou para Sumaré, mais tarde, para fazê-lo francês, mudou o tupaico Sumaraí pelo afrancesado Sumaret” (BARRETO {Barão de Sumaret}, 2016, p. 277).

Lima emitiu críticas contra as elites do Rio de Janeiro por se voltaram para Paris, sonhando em viver e morrer na cidade das luzes. Os letrados vinculados ao pensamento dominante buscaram legitimar a existência de um tipo de nobreza doutoral, amparada em títulos acadêmicos, cercada de privilégios e constituída por homens formados nas escolas superiores de Medicina, Direito ou Engenharia.

Observa-se no período que os intelectuais não viviam exclusivamente de atividades vinculadas ao mercado editorial. Sendo formados em cursos universitários tecnicistas ou seguindo carreira militar, membros dessa geração de letrados também atuavam em cargos políticos e públicos. O engenheiro José Maria da Silva Paranhos Junior, conhecido como Barão do Rio Branco, é um plausível exemplo desta seara. Destacou-se como Ministro das Relações Exteriores do presidente Rodrigues Alves, um dos principais idealizadores das reformas urbanas que aconteceram na capital carioca.⁴

O Barão do Rio Branco manteve um círculo literário que foi pouco visitado pelos velhos amigos magistrados como Joaquim Nabuco, mas bastante requisitado pelos amigos da geração mais recente como Euclides da Cunha. O certo foi que o trabalho do Barão, no âmbito político, rendeu não só simpatizantes, mas também algozes. Na revista *fon-fon*, de 13 de abril de 1907, Lima, assinando como Amil, criticou a administração do Barão. No início dessa administração, ocorreram o aumento de eventos sociais

⁴ O cientista político e historiador José Murilo de Carvalho, em *Os Bestializados* (1987), traz uma discussão bastante interessante sobre as elites cariocas que participaram, através de atos ou ideias, da remodelação urbana da capital carioca.

promovidos por Rio Branco que faziam parte de suas estratégias para promover as elite brancas da capital carioca e uma suposta integração desses seguimentos com a realidade europeia:

As sucessivas e continuadas festas que o Rio de Janeiro tem dado a vários personagens nacionais e estrangeiros, nestes últimos tempos, sugerem a ideia de se organizar um corpo de dez mil homens [...] encarregados das aclamações, dos vivórios e todas as outras coisas que os jornais englobam sob o título “uma entusiasta recepção”. O Ministério das Relações Exteriores, atualmente tão catita, está naturalmente indicado para superintender os destinos superiores da brigada e da diretoria [...]. Ter-se-á assim a canalização, a organização do entusiasmo; e a população do Rio, mediante um pequeno imposto, ficará desembaraçada do ônus manifestante. (BARRETO {Amil}, 2016, p. 294).

O barão de Rio Branco, por ser a favor do embranquecimento da nação tinha vergonha de apresentar internacionalmente um Rio de Janeiro miscigenado e se tornou um grande desafeto de Lima, que o responsabilizava pela expulsão dos negros nos centros urbanos. De acordo com o argumento barretiano, foram esses mesmos negros e pobres que pagaram em impostos a conta desses inúmeros eventos sociais. O escritor carioca ao publicar outro texto, em 12 de junho de 1920, pela revista *Careta*, com o pseudônimo Horácio Acácio, demonstrou novamente sua insatisfação com o resultado desses constantes eventos ocorridos na capital carioca:

Eles nunca são ditados pelas necessidades da nossa população e do seu progresso. São feitos para os estrangeiros ilustres ir se extasiarem e assistirem às maravilhas do nosso progresso. Quando se tratou da construção da avenida Central, um dos motivos que se deu ao seu traçado foi a necessidade de se fornecer um caminho condigno aos diplomatas que, de Petrópolis, se dirigissem ao Palácio do Catete e vice-versa. (BARRETO {Horacio Acácio}, 2016, p. 292).

Vale destacar que as políticas desenvolvidas pelo Barão do Rio Branco, no Itamaraty, eram louvadas pela maioria das elites brasileiras. Após o fim da escravidão, o próprio movimento abolicionista não lutou para agregar os negros e mestiços na sociedade carioca. Muitas pessoas que faziam parte dos seguimentos dominantes brasileiros tinham uma visão preconceituosa sobre o espaço que negros e mestiços deveriam ocupar na sociedade. Para entender o grau de complexidade do pensamento dessa elite, em relação aos negros e mestiços, destaca-se aqui a trajetória de Joaquim

Nabuco. Segundo o historiador Roberto Ventura, Nabuco chegou a afirmar que os negros jamais poderiam protagonizar trabalhos artísticos, pois a arte nacional seria enfraquecida se permitisse essa inclusão. Ainda de acordo com Ventura: “As críticas de Nabuco não são, porém, isentas de contradição. Apesar de lutar pela supressão do cativo, concebe a arte como expressão idealizada da sociedade branca e cosmopolita, cujo domínio político e cultural seria a precondição para a civilização moderna” (VENTURA, 1991, p. 44).

Na Primeira República, o negro saiu da escravidão, porém continuou sendo considerado como uma raça humana inferior. Observa-se, nos discursos de alguns autores da época, como Araripe Júnior, o uso de teorias raciais no âmbito político e científico. Esse uso era uma ferramenta para legitimar a elevação da cultura do homem branco e a condenação da miscigenação racial. Sílvio Romero, outro exemplo, defendeu o branqueamento da raça brasileira através da miscigenação. Porém, esperando como resultado dessa mistura a extinção dos negros. O médico e antropólogo Nina Rodrigues, além de afirmar a superioridade da raça branca, acreditava que os cruzamentos entre as raças levariam a degeneração do povo brasileiro. Manoel Bonfim, um dos raros exemplos de contraposição ao pensamento raciológico dominante, na época, afirmou que a miscigenação e os climas tropicais do país não eram determinantes para a degeneração da população brasileira (VENTURA, 1991, pp. 60-64).

Lima, ao publicar, na revista *Careta* em 01 de maio de 1915, com o pseudônimo Ingênuo, salientou os diferentes pensamentos da época em relação a ciência: “Não há coisa mais controvertida do que a ciência. [...] Ninguém entende o que eles dizem; e nós que tínhamos a sua ciência como sendo uma coisa só ficamos admirados que possa haver dois pareceres tão divergentes sobre a mesma coisa”. E mais adiante finaliza Ingênuo: “Eu, há bem dois séculos, desde que Voltaire me trouxe do Canadá, que tento civilizar-me, mas, quanto mais me esforço, mais fico um Huron⁵ perfeito”. (BARRETO {Ingênuo}, 2016, p. 315-316).

Lima, em *Sátiras e outras Subversões*, também faz uma crítica à distinção exagerada que a sociedade republicana deu aos doutores recém-formados. Em maio de

⁵ Tendo sido leitor das ideias iluministas, Lima apreciava a leitura de Voltaire: um dos grandes intelectuais da Revolução Francesa. Nas anotações da obra *Sátiras e outras Subversões*, Huron é mencionado como criação de Voltaire. O personagem Huron cresceu fora da cultura europeia e tinha uma visão mais crítica dos valores culturais franceses.

1915, em artigo assinado com o pseudônimo de Leitor, salienta o seguinte: “De resto, está verificado que o doutor aqui é nobre, mais isto do que um profissional. Como é que se pode admitir, em uma democracia, uma nobreza qualquer?” (BARRETO {Leitor}, 2016. p. 330). O escritor criticou a superficialidade da maioria dos doutores que se formaram sem ao menos terem conhecimento básico dos seus ofícios, exercendo seus ofícios sem profissionalismo e usando a titulação para afirmar graus hierárquicos e obter privilégios.

Para Lima Barreto, as elites republicanas não consideraram a aplicação ética e social do conhecimento técnico e prático absorvido em escolas de maioria positivista. O fator determinante, de acordo com o bacharelismo, era se formar, seja lá qual fosse a área de conhecimento e angariar formas esvaziadas de prestígio nos salões literários: “Os seus discursos são maravilhosos, a questão, porém, é que nunca os pronunciou; os seus pareceres são sábios, a questão, porém, é que não os escreveu ainda” (BARRETO {Xim}, 2016, p. 228).

Alguns cronistas, por tratarem com indiferença os subúrbios, nunca se aventuraram em examinar os fatos em *locus*. Apenas julgavam superficialmente esses espaços por meio de generalizações pejorativas. Orgulhosos e envaidecidos pelos títulos de doutor, só retratavam os lugares nobres como Botafogo e Copacabana. O subúrbio de Todos os Santos foi o lugar que Lima viveu quase toda a sua vida. Portanto, o escritor carioca ouviu, leu e presenciou a discriminação dos homens de letras que, na época, elaboravam críticas preconceituosas contra negros e pobres asseguradas por teorias deterministas.

Alguns intelectuais e literatos não frequentavam aqueles bairros periféricos, considerados perigosos e desconheciam como era o dia a dia dos moradores que viviam na pobreza. Além de serem incompreendidos pelas autoridades públicas, os habitantes dos subúrbios cariocas lidavam também com o descaso do governo federal e municipal diante de suas demandas. A periferia, repleta de negros e pardos, com aspecto quase rural, destoava das projeções de Capital Federal europeizada.

A posição de Lima quanto a conduta dessa elite letrada se encontra também na obra *Notas sobre a República das Bruzundangas* que foi convertida em livro póstumo e ligeiramente modificada com o título de *Os Bruzundangas*. A crítica ácida de Lima foi direcionada para os ardis de uma burguesia racista e desonesta que ditava o que bem

entendesse ser melhor para a sociedade, privilegiando alguns e excluindo muitos outros. Percebe-se que Lima seguiu o caminho das letras disposto a escrever, de forma humana e solidária, sobre o distanciamento entre as pessoas causada pelo individualismo e competitividade liberal e os problemas que assolavam a capital carioca.

Lima, em um de seus trechos da *Bruzundanga*, ironizou o comportamento desses intelectuais ligados ao poder dominante:

Em todos os tempos os homens de letras, maus ou bons, geniais ou medíocres, ricos ou pobres, gloriosos ou ratés, sempre se julgaram inspirados pelos Deuses [...]. A vida dos escritores, poetas, comediógrafos, romancistas, etc., está cheia de episódios que denunciam êsse singular orgulho... (BARRETO, OB, 1956, p. 175).

Lima satirizou os intelectuais “inspirados pelos deuses”, em clara oposição contra os homens de letras que aderiram ao positivismo, tecnicismo e se diziam conhecedores do destino do país. Um exemplo foi Sílvio Romero, que externou em suas obras a previsão de que em duas a três décadas o branqueamento completo da nação estaria efetivado.

O estilo de vida pomposo das elites literárias, a maneira que desdenharam dos problemas sociais encontrados ao redor da capital carioca, bem como o jogo de aparências protagonizado nos salões e academias também irritaram Lima. Quando não pré-determinaram o futuro, regozijaram-se em proferir algumas palavras para famílias abastadas em aniversários de barões, burgueses, casamentos ou até velórios. Nessas ocasiões, sempre haviam literatos dispostos a anunciar uma mensagem de solenidade ou reflexão retórica. Associado a isto, Lima também se indignou com a desvalorização dos artistas brasileiros em contraste com a exaltação da arte europeia

Por ser o Brasil um país de população miscigenada, houve adeptos de uma visão determinista na qual as produções de intelectuais e artistas negros foram consideradas formas inferiores de arte. Assim, diante de um Rio de Janeiro europeizado no começo do século XX, o estrangeiro foi endeusado e os mulatos tidos como a vergonha do país. Diante disso, Lima não perdeu a oportunidade de criticar os intelectuais que sentiam desgostos com os não brancos do país: “Uma das suas quízílias era com os feios e, sobretudo, com os bruzundanguenses de origem javanesa – cousa que equivale aqui aos nossos mulatos”. E continua o escritor: “É uma tolice deles (aí entram também muitos

javaneses), pois tanto os de origem javanesa como os de outras raízes raciais têm dado inteligências e atividades que se equivalem” (BARRETO, OB, 1956, pp. 144-148).

O propósito do escritor carioca era escrever literatura de modo simples, substituindo o linguajar acadêmico por uma linguagem mais comum para a população, com o objetivo de conscientizar os mais humildes e o público leitor em geral. O propósito de Lima foi a elaboração de uma literatura vertical: construiu a sua própria identidade literária (a sátira e as caricaturas), escreveu sobre o seu meio social, valorizando a vida suburbana, os menos favorecidos e também passou a criticar os valores da classe média e pequena burguesia. Percebe-se que a literatura, para o autor, deve ter uma proposta de resistência e potencial de mudança diante da crise social vigente e dos males daquele período.

Segundo Arnoni Prado:

A preocupação é muito mais fazer da literatura um meio de atuação social e política do que meramente situá-la como oposição aos modelos celebrados e artificiais consagrados (...) essa relação se reflete na busca desordenada de um espírito de autenticidade, de um modo de ser genuinamente nacional, consciente de que é preciso sobretudo escandalizar os mandarinos literários, fazer livros intencionalmente mal feitos, com o propósito de recusar a ordem vigente. (PRADO, 1976, p. 34).

Fazer livros polêmicos e fora dos padrões cultos, com sentido caricatural sobre uma série de situações da vida urbana, foi uma iniciativa questionada, desprezada e até julgada desprezível por alguns intelectuais belletristas da época. O autor de *Os Bruzundangas* tinha pela consciência de que o juízo de critério acadêmico sobre suas obras era acionado para silenciar o valor de seus textos. Evidência disso é sua própria fala na mencionada sátira: “Não há como discutir com êles, porque todos se guiam por ideias feitas, receitas de julgamentos e nunca se aventuram a examinar por si qualquer questão, preferindo resolvê-las por generalizações quase sempre recebidas de segunda ou terceira mão, [...] de uma cabeça para outra cabeça” (BARRETO, OB, 1956, p. 38). É notório, de acordo com o trecho citado, que havia uma indisposição sua em relação aos acadêmicos, pois além de ter sido silenciado pelos intelectuais que desaprovaram seus textos por conta do uso do português coloquial e não culto, era negro, suburbano e boêmio. O reconhecimento artístico de seu trabalho entre os pares, no período em que viveu, resume-se há alguns escassos episódios. Num de seus questionamentos a respeito

dos intelectuais contemporâneos, o escritor não generaliza, porém rechaça: “Não nego que houvesse entre eles alguns de valor, mas os preconceitos da escola os matava” (BARRETO, OB, 1956 p. 41).

Entende-se que Lima preencheu sua obra com temáticas sociais. O modo com que o escritor carioca fez literatura foi inovador para época. Era na viagem de trem, no ouvir das conversas alheias, nos cafés, botecos e botequins que o escritor buscou fazer uma literatura militante e problematizadora da realidade. O seu meio lhe inspirou a escrever sobre o que alguns literatos parnasianos mais desprezavam, criando representações sobre as pessoas comuns, pobres e mestiças dos subúrbios.

Portanto, ao se utilizar de caneta e papel como arma que mata sem sangue, passou a exercer uma função social ativa pautada em denunciar criticamente injustiças sociais, sobretudo, as questões raciais e intelectuais através de suas crônicas na imprensa. O escritor carioca não perdoou até as atitudes dos profissionais do mesmo ofício e disparou: “No Méier, que é o centro, temos diversos, e alguns dão margens para crônicas seguidas. O de hoje [...], é o que mais se destaca, não só pela sua inconfundível maneira de trajar como, especialmente, pela sua atitude intelectual que é ostensivamente agressiva e violenta, é o Antolhos”. (BARRETO {Lucas Barredo}, 2016, p. 357).

Lima escreveu seus textos com interpretação crítica do mundo concreto. Principalmente no que se refere ao campo jornalístico. O escritor carioca, ao se utilizar de pseudônimo, criou o personagem Antolhos e não poupou ataques aos redatores da época: “Antolhos fica, assim, no Méier, entre o Novidade e o camelô do Café Camões. Esse herói [...], inutilizou a sua existência e, como compensação, tenta inutilizar a dos que lhe permitem a presença”. E finaliza: “Uma dessas vítimas é o autor destas linhas”. (BARRETO {Lucas Barredo}, 2016, p. 357-358).

Os discursos fictícios do escritor carioca eram totalmente engajados com a realidade dos fatos em *locus*. Muitos dos jornalistas eram indiferentes com os subúrbios carioca, preconceituosos e não davam atenção aos problemas políticos mais importantes da época. O que fez Lima os chamar de inúteis profissionais do ofício, pois se não bastasse chamar a atenção das autoridades, teve que protestar ainda contra jornalistas belletristas. O pseudônimo Lucas Barredo está em mais um texto no qual Lima denunciou a Imprensa.

Ao trabalhar no *Jornal do Comércio*, de Edmundo bittencourt, Lima acabou se tornando uma pessoa indesejável na redação após a publicação de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Os jornalistas que cotidianamente trabalharam e frequentaram esse jornal foram duramente retratados por Lima. Exemplo do personagem Raul Gusmão: caricatura do jornalista João do Rio⁶. Caso que aumentou mais ainda a antipatia entre os dois escritores que divergiam em opiniões.

A maioria dos jornais faziam de tudo para obter lucros, desde afirmações falsas, subornos, participação em conspirações políticas, até a exploração do trabalho dos próprios escritores. Lima manteve-se atento e registrou fielmente esses acontecimentos. Suas criações artísticas estão entrelaçadas com a realidade cotidiana de todo o Rio de Janeiro, que passou a ser apresentado de forma caricaturada e com ênfase em seus problemas sociais, bem mais que em seus encantos. Essa é a síntese do teor dos escritos assinados com diversos pseudônimos nas publicações reunidas em *Sátiras e outras subversões*. Buscamos aqui, desse modo, ter contribuído para os estudos sobre literatura e Primeira República, a partir do cotejamento entre textos inéditos e obras mais conhecidas do escritor Lima Barreto.

Referências:

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto (1881-1922)**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. **Sátiras e outras subversões**: textos inéditos. Organização, introdução, pesquisa e notas Felipe Botelho Corrêa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BARRETO, Lima, 1881-1922. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Prefácio de Osmar Pimentel. São Paulo: Brasiliense, 1956.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. 6ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁶ João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921) conhecido como João do Rio foi membro da Academia Brasileira de Letras. Também jornalista e cronista da capital carioca João do Rio chamou a atenção do leitor para as disparidades sociais ao publicar a obra *A Alma Encantadora das Ruas* (1908). O escritor visitou alguns ambientes marcados pela miséria, promiscuidade e até destinados ao consumo de drogas para tecer um tipo de crônica modernista do cotidiano no Rio de Janeiro narrada em tom de descida aos infernos.

CHALHOUB, Sidney. Saber, poder. In: **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Cap. 1, p. 53 – 60.

FANTINATI, Carlos Erivany. **O profeta e o escritor: estudo sobre Lima Barreto**. São Paulo: HUCITEC; Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, 1978.

OAKLEY. R. J. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: Unesp, 2011.

PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, Réne. Por uma história política. 2ª ed. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VENTURA, Roberto, 1957 – **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.